

A UCRÂNIA JÁ PERDEU A GUERRA, E A CULPA NÃO É DE DONALD TRUMP

Por Daniel L. Davis*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A Ucrânia perdeu a guerra devido aos erros do Ocidente desde 2015, e o melhor que Zelensky pode fazer é aceitar o ultimato de Trump e negociar a paz, sob pena de uma derrota militar completa e incondicional.

O canal ucraniano *Resident*, no *Telegram*, afirmou no sábado que Donald Trump havia dado à Ucrânia e à Rússia 10 dias para concordarem conjuntamente com um “cessar-fogo temporário”, ou ele “abandonaria o caminho da paz”.

Ainda não se sabe se Trump realmente emitiu um prazo em privado para os dois lados, mas há algo de que todos precisam ter clareza: não há uma paz “boa” que Trump possa encontrar. A Ucrânia já perdeu a guerra.

E, no Ocidente, não temos ninguém para culpar por esse fiasco evitável além de nós mesmos.

Por que não conseguimos encarar a realidade na Ucrânia?

Muitos no Ocidente ainda estão em negação, seja por não quererem reconhecer as realidades do campo de batalha que praticamente garantem uma vitória russa, seja por não conseguirem reconhecê-las. Não sei ao certo, mas é uma coisa ou

outra. Os muitos detratores de Trump – tanto na Europa quanto nos Estados Unidos – já estão preparando o cenário para culpá-lo pela derrota.

Eles já o acusam de trair a Ucrânia ou de “abandoná-la” à própria sorte.

Há dois grandes problemas com essas alegações, que expõem sérias deficiências nos próprios acusadores.

Primeiro, eles insinuam que há uma boa opção que Trump pode escolher. Eles acreditam – como certamente acreditam o primeiro-ministro britânico Keir Starmer e o presidente francês Emmanuel Macron – que, se Trump desse mais dinheiro à Ucrânia, pressionasse mais Vladimir Putin e mantivesse o fluxo de armas e munições, a situação acabaria melhorando para as tropas de Volodymyr Zelensky. Isso foi comprovadamente falso.

Durante três anos inteiros de guerra, os Estados Unidos lideraram o fornecimento de milhares de veículos militares para a Ucrânia, centenas de bilhões de dólares em apoio, informações de inteligência, treinamento e assessoria a altos líderes ucranianos. Esses esforços maciços foram efetivamente acompanhados por países europeus. Todo esse apoio não permitiu que a Ucrânia expulsasse a Rússia de suas posições entrincheiradas ao longo de 2023 e, mesmo com o pacote adicional de US\$ 61 bilhões em maio do ano passado, eles nunca impediram a Rússia de ganhar terreno.

Os ataques a Kursk não deram em nada. Os ataques a Belgorod fracassaram completamente. Os países ocidentais esgotaram severamente seus próprios arsenais nesse esforço fútil e precisarão de anos apenas para repor o que foi doado. Diante do fracasso militar absoluto desse coletivo total, como se pode argumentar que apenas um pouco mais de equipamento agora faria alguma diferença – especialmente quando a mão de obra de que a Ucrânia precisa para operar os equipamentos e disparar os mísseis não é mais capaz de compensar as perdas e continua diminuindo?

Em segundo lugar – e este pode ser o ponto mais importante a considerar – a situação de enfrentar um fim diplomático feio ou uma derrota militar só está pairando sobre nós devido ao fracasso diplomático abjeto do Ocidente coletivo desde o início da guerra.

Se os países ocidentais e o governo de Kiev tivessem promulgado os Acordos de Minsk em 2015, quase certamente nunca teria havido uma guerra (Kiev nunca promulgou o requisito mais importante: emendar sua constituição para conceder autonomia limitada aos cidadãos ucranianos em Donbass).

Se o Ocidente e Zelensky tivessem aceitado a saída diplomática oferecida dois meses depois do início da guerra em Istambul, a guerra poderia ter terminado com Kiev perdendo apenas a Crimeia, jurando nunca se tornar membro da OTAN e com a eventual retirada de todas as tropas russas.

Em vez disso, nos recusamos a promulgar Minsk e rejeitamos o acordo de Istambul, garantindo a continuidade da guerra. Mesmo após o fracasso abjeto da

ofensiva ucraniana de 2023, Kiev e o Ocidente recusaram-se a reconhecer a clara realidade militar e continuaram lutando, alegando, até novembro de 2022, que a Ucrânia acabaria por forçar a Rússia a recuar para as fronteiras de 1991.

AS COISAS SÓ VÃO PIORAR

Esta é a verdade nua e crua: a Ucrânia está enfrentando uma perda diplomática feia ou uma derrota militar ainda pior devido aos fracassos diplomáticos e à escassez de lideranças no Ocidente, desde 2015 até a posse de Trump em janeiro de 2025.

A melhor coisa que Trump poderia fazer agora, o curso de ação mais sábio, a escolha mais moral, seria dar a Zelensky um ultimato: ou seu governo concorda com o melhor dos piores termos que ele conseguir obter de Moscou, ou Trump se retirará e deixará Zelensky lidar com a Europa.

Esse seria o mecanismo coercitivo que – finalmente – colocaria Zelensky cara a cara com a realidade de que não há solução militar para evitar a derrota. Não há caminho pelo qual a Ucrânia possa sequer obrigar Putin a ceder em qualquer de seus principais argumentos.

Na ausência da ficção de que os EUA lhe dão apoio militar, Zelensky finalmente terá que fazer o que poderia ter feito para salvar centenas de milhares de vidas de seus compatriotas em Istambul em 2022: negociar o fim da guerra.

Suponhamos que Zelensky se recuse e os europeus continuem a alimentar suas ilusões de que ele pode obter melhores condições continuando a lutar. Nesse caso, a Rússia quase certamente continuará a lutar até derrotar as Forças Armadas ucranianas, que entrarão em colapso como força coerente. A Rússia, então, simplesmente emitirá termos de rendição incondicional. Mas não é assim que isso precisa terminar.

Espero que a alegação de ultimato de 10 dias por Trump seja verdadeira e, então, diante da realidade inevitável, Zelensky possa, tardiamente, fazer o que é preciso para proteger o restante de sua população e concordar em encerrar a guerra nos melhores termos disponíveis. A alternativa é impensável.

Publicado no 19fortyfive.com.

****Daniel L. Davis** é tenente-coronel aposentado do Exército dos EUA. Foi destacado para zonas de combate quatro vezes: Operação Tempestade no Deserto em 1991, Iraque em 2009 e Afeganistão em 2005 e 2011. Davis é autor do livro “The Eleventh Hour in 2020 America”. Ele ganhou notoriedade em 2012, quando retornou do Afeganistão e publicou um relatório detalhando como líderes militares e civis dos EUA disseram ao público e ao Congresso americanos que a guerra estava indo bem, enquanto, na realidade, caminhava para a derrota. Os eventos desde então confirmaram que sua análise estava correta.*
